

**ASSOCIAÇÃO EDUCACIONAL NOSSA SENHORA APARECIDA  
FACULDADE NOSSA SENHORA APARECIDA  
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**DROGAS NA ESCOLA: uma abordagem didática sobre prevenção do  
uso de drogas entre alunos do Ensino Fundamental.**

**Aluno:** Rita Francisca da Silva

**Orientadora:** Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Vany de  
Oliveira Freitas

Aparecida de Goiânia/GO,2020

**ASSOCIAÇÃO EDUCACIONAL NOSSA SENHORA APARECIDA  
FACULDADE NOSSA SENHORA APARECIDA  
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**DROGAS NA ESCOLA: uma abordagem didática sobre prevenção do  
uso de drogas entre alunos do ensino fundamental**

Artigo apresentado em cumprimento às exigências para término do Curso de Pedagogia sob orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Vany de Oliveira Freitas.

Aparecida de Goiânia/GO, 2020

**ASSOCIAÇÃO EDUCACIONAL NOSSA SENHORA APARECIDA  
FACULDADE NOSSA SENHORA APARECIDA  
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

RITA FRANCISCA DA SILVA

**DROGAS NA ESCOLA: uma abordagem didática sobre prevenção do  
uso de drogas entre alunos do ensino fundamental**

Artigo apresentado em cumprimento às exigências para término do Curso de Pedagogia sob orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Vany de Oliveira Freitas.

Avaliado em \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_

---

Professor- Orientador Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Vany de Oliveira Freitas.

---

Professor Examinador Me. Ivone Geralda de Lima.

Dedico o presente Trabalho de Conclusão de Curso, em especial ao meu filho, que sempre me incentivou a não desistir. Também ao meu esposo por ter me apoiado bastante nessa caminhada.

## RESUMO

Este artigo objetiva estudar o uso de drogas por alunos no âmbito escolar. Nesse contexto, cabe entendermos o papel que a escola exerce em relação às ações e prevenções com alunos do Ensino Fundamental. Compreendemos que as drogas estão cada vez mais presentes na vida de crianças e adolescentes e podemos observar que vêm aumentando o uso de drogas lícitas e ilícitas por parte dos jovens na sociedade. Mediante tais fatos, a escola e todo o corpo docente deve elaborar meios de prevenção junto das famílias com participação da comunidade em geral, conscientizando-os dos efeitos negativos causados à saúde física e intelectual após o uso dessas substâncias. O tema enfatizado reflete sobre aspectos negativos, mas também aborda questões que são benéficas à medida em que, apresenta análises que podem ajudar a pensar sobre como lidar com esse problema que é crescente nas escolas.

**Palavras-chaves:** Drogas. Escola. Adolescente. Prevenção.

## ABSTRACT

This article aims to study the use of drugs by students at school. In this context, it is important to understand the role that the school plays in relation to actions and prevention with students. Elementary Education, understanding that drugs are increasingly present in the lives of children and adolescents, can observe that the use of legal and illegal drugs by these young people in society comes. Through these facts, a school and the entire teaching staff must develop means of prevention, together with families with the participation of the community in general, making them aware of the effects caused after the use of such substances. The emphasized theme reflects on isolated aspects, but also addresses issues that are beneficial, with measures in which, it presents analyzes that can help to think about how to deal with this problem that is increasing in schools.

**Keywords:** Drugs. School. Teenager. Prevention.

## 01- INTRODUÇÃO

O presente artigo objetiva trabalhar a relação das drogas no ambiente escolar e tem como temática: Drogas na escola: uma abordagem didática sobre prevenção do uso de drogas entre alunos do ensino fundamental.

A motivação para pesquisar sobre essa temática nasceu do fato de termos tido a oportunidade de observar de perto uma realidade escolar, que atende crianças da primeira fase do ensino fundamental.

Durante a observação ficou explícito que a escola em questão não desenvolvia nenhum projeto, voltado para a prevenção de drogas, nem sequer se falava sobre o assunto com os pais ou responsáveis pelos alunos. A escola à qual nos referimos é uma instituição pública que atende crianças e adolescente pertencentes a classes de baixa renda, e marcada pela defasagem de recursos de diversas naturezas. Essa observação despertou em nós o desejo de pensar sobre como elaborar metas e estratégias para trabalhar com esse público, que inicia o contato com o mundo das drogas cada vez mais cedo.

Entendemos ser pertinente refletir sobre a necessidade de explicar de que maneira se dá o início das drogas na vida das crianças e dos pré-adolescentes, demonstrando quais são os fatores de risco que tornam os alunos vulneráveis e os modos de proteção a serem adotados no ambiente escolar. A realidade observada demonstra que é urgente propor meios para prevenção do uso de drogas que afeta a vida de inúmeros estudantes.

Sendo assim, a metodologia utilizada para realizar este estudo surgiu, primeiramente, da observação da realidade da escola e, posteriormente da revisão de diferentes produções bibliográficas feitas por diversos autores que apresentam dados científicos sobre o tema aqui tratado.

Em se tratando de uma pesquisa bibliográfica, este artigo está fundamentado nos seguintes autores: Amauri M. e Tonucci Sanchez (1982), Ernesto Birner e Armênio (2000), Julio Groppa Aquino (1998), Abramovay (2005), Ilana Pinsky e Santos (1997). Além desses, que foram fundamentais para a análise, o texto apresenta informações de outros autores que abordam o tema em questão.

Este trabalho se subdivide em cinco partes principais. Na primeira parte, são apresentados conceitos de drogas; a segunda parte trata da relação drogas e escola; na terceira parte aborda a questão do uso de drogas entre crianças e adolescentes; a quarta parte trabalha questões envolvendo fatores de risco e proteção na escola; na quinta e última parte apresenta medidas preventivas de drogas no ambiente escolar.

Ao estudar o conceito de drogas, é possível perceber que se trata de um termo muito abrangente, no entanto, buscou-se conceituá-lo da melhor forma possível. De início é preciso compreender que o uso de drogas sempre existiu, seja de forma direta ou indireta. Substâncias consideradas como drogas foram e continuam sendo usadas por diversas culturas como medicamentos feitos a partir de ervas, chás, ou são utilizadas por determinados grupos em ritos de passagem da adolescência para a vida adulta. Com o passar dos tempos foram surgindo outros termos para melhor designá-las sendo classificadas como drogas de usos lícitos e ilícitos. As de uso lícitos são os cigarros, o álcool, os medicamentos fisioterapêuticos, entre outros. Já as ilícitas são classificadas como maconha, cocaína, o crack. etc.

A partir disso, justifica-se a necessidade de trabalhar a relação drogas e escola visto que ser este um problema que envolve a atualidade e está inserido cada vez mais dentro das escolas afetando a maior parte dos adolescentes que costumam fazer o uso dentro da própria escola ou em torno dela.

Ao abordar a questão envolvendo o uso de drogas entre crianças e adolescentes há que se levar em conta que estas são etapas de mudanças de uma fase para a outra e que marcam a vida das pessoas. A adolescência, especialmente é a fase em que o indivíduo questiona a respeito de tudo; é a fase das revoltas e das curiosidades.

A partir desta constatação é de suma importância analisar os fatores de risco e proteção na escola. Riscos que, em geral, estão relacionados com más amizades, com atos de rebeldia por parte dos educandos, além de outros fatores pessoais.

Por último, tentamos compreender sobre medidas preventivas que devem ser adotadas contra o uso de drogas no ambiente escolar. Entende-se que a escola tem o dever de formar cidadãos críticos e pensantes e livres. Com isso, ela também

deve ter o cuidado com a saúde. Então, é trabalho dos educadores elaborarem metas eficazes de prevenção com os educandos, que consigam afastar os jovens do mundo das drogas.

Cabe à escola, enquanto instituição de ensino, o papel de transformar o indivíduo para a sociedade. Ela, tem por missão envolver crianças, adolescentes e jovens em ação conjunta com a família para direcioná-los no caminho mais viável de sua vida.

## **02- CONCEITOS DE DROGAS**

O uso das drogas sempre esteve presente na sociedade seja de forma indireta ou direta usada por culturas e povos para determinados fins rituais e medicinais. Com base em Amauri M. e Tonucci Sanchez:

Um ponto importante para reflexão é que o hábito não nasceu de uma determinada cultura e nem é recente; em praticamente todas as culturas e povos encontravam-se referências ao uso esporádico de drogas, principalmente durante as cerimônias religiosas (SANCHEZ, 1982, p.4).

Para esses autores, o problema das drogas se coloca na atualidade como uma ameaça visível. Isso tem intensificado muito nos últimos tempos e é visto como uma ameaça global, pois é parte do nosso universo e um fenômeno de civilização de difícil solução. Nota-se que “da mesma forma que a civilização atingiu pontos altos até agora desconhecidos, assim a crise que ela vive atinge um paroxismo jamais alcançados” (AMAURI M. E TONUCCI SANCHEZ, 1982. p. 96).

Partindo dessa análise é possível compreendermos que o uso de tais substâncias já era utilizado por vários povos e em diferentes contextos históricos sendo tão antigo quanto a humanidade.

De acordo com Ernesto Birner e Armênio (2000), “A palavra drogas vem do holandês droog, que significa coisa seca, talvez folhas, isso porque antigamente a maioria dos medicamentos eram produzidos a partir de vegetais” (BIRNER; ARMÊNIO, 2000, p.5).

Ao analisamos o conceito de drogas, em parte da sua história, encontramos a presença de drogas e seu uso em diferentes contextos, como por exemplos: no



contexto místico-religioso como uso medicinal, no meio político ou social, econômico, por militares com o intuito da busca de prazer, mesmo que passageiro.

Com isso, Aquino (1998) acentua que a muito tempo o consumo de drogas em algumas sociedades era legal sendo parte de seus comportamentos sociais, pois, eram permitidos o seu consumo por parte da cultura local levando em conta o seio em que um determinado indivíduo está inserido, ou seja, o fator sociocultural e local da pessoa. O autor cita alguns exemplos da influência do contexto sociocultural, nos seguintes termos,

o consumo lícito, aceito pela sociedade, de drogas psicoestimulantes moderadas, como a nicotina encontrada nos cigarros de tabaco, e da cafeína, encontrada em várias bebidas de consumo popular: café, chá-mate e os refrigerantes do tipo cola (AQUINO,1998, p.35).

Enquanto o consumo de algumas drogas é legalizada em alguns países como o uso da maconha para fins medicinais, entre os andinos os nativos que trabalham em elevadas altitudes, costumam mascar as folhas da cocaína para aliviar a fome levando em conta que ao mascarem as folhas a absorção da cocaína é relativamente baixa causando-lhes apenas efeitos anestésicos. O seu consumo é tradicionalmente aceito pela sociedade constituindo uma prática lícita na cultura desses povos.

A partir dessa descrição em nossa sociedade se observarmos o consumo de drogas também é algo comum, pois em geral as pessoas costumam beber socialmente, assim, como outras fumam, outras tendem a utilizarem medicamentos sem prescrição médica. O grau de uso ou dependência varia de pessoa para pessoa. É possível observar que em parte essas drogas são legalizadas pela nossa sociedade, entendendo que são drogas lícitas.

Como nos lembra Abramovay (2005) a palavra droga é definida, em sentido amplo como qualquer substância que ao fazermos o consumo perdemos os sentidos ou controles das nossas ações. As drogas chamadas psicotrópicas ou psicoativas – palavra originária do grego que pode ser traduzida como aquilo que age sobre a mente – alteram os sentidos, induzem a calma ou a excitação, potencializam alegrias, tristezas e fantasias. Especialistas como Medeiros (1986), Vizzolto (1987), citados por Alencar (1988) e Sanchez et al. (1982) advertem que,

praticamente em todas as culturas e povos encontram-se referências ao uso esporádico de drogas durante os ritos religiosos, cerimônias grupais (celebrações ou festas). Existem uma unanimidade no fato de que as drogas estão longe de ser substâncias inócuas, considerando-se que o uso indiscriminado traz prejuízos e consequências negativas, impondo-se a necessidade de serem melhores entendidas. Para Osava (2002) as drogas só se tornaram um problema com aparecimento da sociedade de consumo, que estimula o abuso, o exagero e o desequilíbrio (ABRAMOVAY, 2005, p. 63).

Se analisamos a questão envolvendo o consumo de drogas em nosso país, em vista de outros em que seu uso é legalizado aqui o consumo é considerado ilegal e, portanto, um crime tornando um problema de âmbito judicial, sanitário e social.

Atualmente, a Organização Mundial de Saúde (OMS)<sup>1</sup> conceitua droga como “...toda a substância que, introduzida no organismo, provoca alterações no seu funcionamento, modificando uma ou mais das suas funções” (Associação Humanidades, s/d, p.3). Sendo assim, podem ser consideradas as substâncias natural ou sintética que interferem nas ações do indivíduo fazendo com que haja de maneiras que não condizem com suas condutas de costumes. Grande parte das drogas ou substâncias psicoativas atualmente, são distintas por ter uma aplicação “curativa” ou médica.

Tratando desta discussão Carvalho (2016) salienta que “o debate sobre a questão das drogas tem sido realizado ao longo da história em vários campos do conhecimento, fomentando a pesquisa deste objeto por essência transdisciplinar” (CARVALHO, 2016.p 36).

Como as drogas se tornou um problema de difícil solução, é preciso que toda a sociedade se una em prol de ações voltadas para medidas de prevenção sobre os cuidados que é necessário ter ao trabalhar um assunto que, em parte, ainda é um tabu, principalmente no seio familiar e escolar.

Levando em conta que a família é a base das crianças e adolescentes e a é dever da escola, junto das famílias trabalhar com suas crianças, adolescentes e jovens medidas de proteção e prevenção sobre o uso de tais substâncias.

---

<sup>1</sup> <http://www.cpihts.com/PDF%2006/Vanessa%20Ferraz.pdf>. Acesso em 25 de abril de 2020.

### 03- A RELAÇÃO DROGAS E ESCOLA

As drogas estão presentes em todos os espaços da sociedade inclusive no universo escolar que tem se tornado nos últimos tempos um ambiente propício para a proliferação do consumo destas substâncias. Para Abramovay (2005, p.89) apud. Abamovay e Rua (2002):

A escola apresenta-se aos jovens como um instrumento para o exercício da cidadania, na medida em que funciona como um dos “passaportes de entrada e aceitação na sociedade” e como oportunidade de uma possível vida melhor. Entretanto, ressaltam, ainda, que a escola também é um dos mecanismos por meio do qual se operam a exclusão e a seleção social. Isso tem desdobramentos específicos na cultura, na educação, no trabalho, nas políticas sociais, nas relações éticas e de gênero, na identidade e em outras esferas, atuando em cada uma delas de forma diferenciada (ABRAMOVA,2005, p.89 apud. ABRAMOVAY e RUA, 2002).

A escola em nosso mundo é vista como um local sagrado sendo considerada responsável por excelência na formação de sujeitos para viverem em sociedade. Seu objetivo é formar cidadãos para serem livres e com isso existem grandes preocupações por parte dos educadores quando o assunto é drogas no ambiente escolar, seja dentro dela ou em suas proximidades.

Abramovay (2005, p.92), acrescenta que há uma grande preocupação por parte dos familiares dos alunos e educadores, sobre a presença das drogas na escola.

As informações fornecidas por alunos, pais, e integrantes do corpo técnico-pedagógico apontam, em uma maior escala, a presença das drogas nas imediações da escola, o que não significa que eles não identifiquem a existência dessas substâncias e o uso delas no interior da escola e até mesmo na sala de aula (ABRAMOVAY, 2005, p.92).

Deve-se ressaltar que a existência de drogas no ambiente escolar é uma questão que está presente tanto nas escolas públicas como também nas particulares, ou seja, é um problema que, não é só das classes pobres, mas que não deve servir como uma visão negativa do estabelecimento escolar ou dos alunos. Grande parte das escolas quando descobrem que alguns alunos fazem uso

de drogas dentro de suas imediações fazem a transferência e até a expulsão dos alunos acreditando ser a alternativa para solucionar os problemas.

Conforme sublinha Sanchez (1982, p.95):

Quando nos pomos a refletir atentamente sobre os problemas que nos preocupam no nível da educação, é impossível não ficarmos profundamente preocupados com a tão espinhosa, tão desconhecida, tão complexa questão da droga” (SANCHEZ,1982, p.95).

Na análise do autor, no que tange ao uso de drogas por parte de alunos no ambiente escolar é preciso que os educadores tenham um olhar bem voltado para perceberem se seus alunos fazem o consumo dentro da escola. Deve-se levar em conta que a adolescência é uma fase de muitas curiosidades, descobertas, experimentações e confusão de identidades e, com isso, acabam ficando propícios ao uso de drogas nessa fase da vida.

No que se refere à maneira como o educador trata do problema da droga com o educando, Sanchez (1982, p. 97) afirma que o educador hábil pode falar de tudo, com tanto, ele pode até multiplicar as questões, e o adolescente aceitará respondê-las. Quando se trata de drogas, a situação é diferente. Assim, “somente a longa experiência e o velho hábito permitem ao educador perceber o rosto da verdade para além da máscara fria e impenetrável da mentira” (SANCHEZ,1982, p.97).

Para que os educadores consigam perceber se há entre os alunos alguns que estejam fazendo uso de drogas no recinto escolar é preciso que parte do corpo docente tenha conhecimento sobre os efeitos que as drogas causam. Conhecendo seus alunos, a identificação dos que fazem uso de drogas se tornará uma tarefa fácil sendo que os mesmos deverão mudar seu comportamento. Se estiverem sobre efeitos de alguma substância ao adentrar na escola ou na sala o professor irá perceber. Para que isso ocorra é preciso ter ao menos um conhecimento básico do que as drogas causam, e seus efeitos, mas essa percepção só se dará com uma vasta experiência no campo educacional.

Em Angerami (2003) encontramos importantes questionamentos a respeito do uso de drogas, como o uso do tabaco do álcool e da cânabis, no meio adolescente. Do ponto de vista desse autor, ao analisar a relação do uso de drogas

em nossa sociedade, inicialmente, iremos encontrar o seu consumo, sobretudo no meio jovem, como o cigarro que tornou símbolo do ritual de passagem da adolescência para a vida adulta, logo à sua frente, o consumo de álcool. Segundo o autor “o tabaco é usado como elemento transgressor das normas familiares e sociais vigentes” (ANGERAMI, 2003, p.16).

Conforme o autor cita, basta lembrar que a maioria dos colégios proíbe que seus alunos fumem nas suas dependências, muito menos dentro do ambiente escolar. Com isso, os alunos fumarão escondidos em locais que não sejam reprimidos, como, nos banheiros e em outras dependências afrontando a ordem estabelecida e as imposições das autoridades vigentes, os diretores, coordenadores e os professores. No dizer de Angerami (2003, p.16):

Tabaco e álcool, uma combinação a mostrar que o jovem já é dono de sua própria vida e dos caminhos que estejam a se bifurcar em sua realidade existencial. Cigarro em uma das mãos, um copo de cerveja na outra, e um grupo de jovens reunidos: eis um quadro de “liberdade jovem” (ANGERAMI,2003, p.16).

Para os pais e as autoridades tais consumos por parte desses jovens, tornam-se relevantes quando tomam conhecimento do ato de tabagismo já em contrapartida o consumo do álcool, embora seja tão destrutivo, parece mais tolerável. Nesse momento da vida dos jovens, também existe a pressão do grupo de amigos que colocam regras e algumas imposições do tipo que só podem fazer parte desse grupo aqueles que fugirem das regras impostas abandonando os valores familiares e que podem, portanto, exibir publicamente o cigarro.

Uma outra reflexão interessante que o autor pontua em relação ao uso do tabaco e o consumo do álcool no meio jovem, é que por ser considerado uma droga legalizada, acaba abrindo outras portas para que esses jovens façam o uso de drogas consideradas ilegais.

Diante dessas afirmações, Angerami (2003, p.42) coloca que é preciso levar em consideração a estrutura familiar em que o jovem está inserido, se não houver uma base familiar sólida carretará nestes tipos de problemas na vida do jovem.

A degenerescência sociofamiliar é tão degradante quanto a orgânica, é tanto o álcool como as outras drogas igualmente as provocam – não tem sobre si, dessa maneira, componentes destrutivos que se enfeixam e se tornam

insuperáveis em níveis de destrutividade (ANGERAMI, 2003, p 42.).

Nesse quesito, certamente pode acarretar, na vida destes jovens vários problemas, como furtar objetos de casa para manter o vício das drogas, problemas de aprendizagem escolar e, por fim, a saída de casa para viverem nas ruas.

Para a tentativa de superação desses problemas, Santos (1997, p.83) acentua “acreditamos que a escola é um espaço para atividades educativas, visando à qualidade de vida e à educação para a saúde”, portanto, ela tem a responsabilidade da prevenção primária e secundária sendo um espaço que deve privilegiar seus educandos tendo como responsabilidades tornarem cidadãos dignos de direitos e deveres sendo livre para viverem em sociedade. Assim entende-se que “A educação não engloba apenas a transmissão de conhecimento. É muito, mais que informar educar é formar, é estar atento à parte afetiva e social da criança e do jovem” (SANTOS, 1997, p.83).

Todos os profissionais que atuam dentro da escola, seja de forma direta ou indireta desde os diretores, coordenadores, professores, etc. devem estar com atenção voltados para a preparação e aprimoramentos dos indivíduos dando-lhes os suportes necessários para que consigam conviver em sociedade tendo atenção em a sua saúde. Nada adianta falar do problema sem tocar na questão fundamental da motivação, das atitudes e dos hábitos dos indivíduos.

Nesta mesma direção Aquino (1998, p.72), aponta que a imensa preocupação das questões atuais mais frequentes que envolvem a juventude é a presença aparentemente inusitada de drogas na escola. Não significa dizer que as drogas não estivessem nas imediações escolares antes, mas envolvendo as crescentes manifestações no recinto observa-se que esse problema tem aumentado significativamente nos últimos tempos. Acerca desse assunto, o autor destaca o seguinte posicionamento,

a escola em nosso mundo é o lugar que temos privilégio como o espaço educativo para as gerações. Aos olhos da sociedade a “invasão” das drogas nesse lugar “privilegiado” tem significado um imenso descontrole social (AQUINO,1998, p.72).

A escola, em relação ao uso de drogas, parece ser o ambiente propício para os jovens. Não significa dizer que a escola é incapaz de reprimi-la, mas porque não oferece concorrência do ponto de vista de ambas as clientelas, ao adolescente, portanto, drogas e escola andam lado a lado. Com isso, Aquino (1998, p.74) afirma:

Não é à toa que as menores manifestações de violência e descaso com o ambiente escolar se dêem em escolas que conjugam participação dos jovens, da família e da comunidade em seu projeto educativo. Não é, também, por acaso que os melhores índices de aprendizagem ocorram nessas mesmas escolas. Parece claro, que não são as drogas os inimigos da escola, mas o projeto educativo em jogo nela (AQUINO, 1998, p.74).

Em face disso, as escolas ao elaborarem os projetos educativos devem colocar em pauta projetos que trabalhem em prol desse tema tão relevante que é as drogas que tenha como objetivos ações de proteção e prevenção para os seus alunos e a comunidade em que está inserida.

Nesta linha de raciocínio Pinsky (2014) chama atenção para a importância de conhecer como a escola lida com a questão das drogas indicando a necessidade de colocar as seguintes perguntas: *A escola em que o seu filho estuda possui um programa de prevenção? Ela também já desenvolveu alguma atividade sobre o tema envolvendo os pais?*

Para a autora, se a resposta for afirmativa para pelo menos uma dessas questões é possível considerar que a conversa com a escola seja produtiva. Na fala da autora,

algumas delas dispõem de um profissional” coordenador pedagógico, orientador e educacional, professor” capacitado para acolher os pais nesse momento de angústia. Com certeza ele saberá conduzir a situação sem expor sua família, ajudará a avaliar o caso e também, se for preciso, encaminhar para um especialista em dependência química (PINSKY, 2014, p.68).

É possível que a escola procure a família se algo estiver acontecendo com seus alunos, preocupada com acentuada queda de rendimento com o excessivo número de faltas ou situações que envolvam indisciplinas. Estes são sinais mais do que óbvios da existência de algum problema com tais alunos o que não necessariamente possa estar vinculado ao uso de drogas, principalmente se não fizerem parte do histórico anterior do aluno. Na visão de Pinsky (2014, p.69):

Depende da escola. Nas escolas particulares, por exemplo, costuma ser fácil obter essas informações e a melhor maneira de saber é perguntar diretamente, caso o assunto não seja abordado nas reuniões iniciais com os grupos familiares. (PINSKY, 2014, p.69).

Quando o assunto envolve as drogas, as instituições privadas tendem a agir com bastante rigor, quando encontra alunos portando ou usando drogas dentro do estabelecimento, em geral o cancelamento da matrícula nessas situações não é raro. Tem escolas que chegam a adotar a mesma atitude ao saber que o aluno usou drogas em torno delas. Curiosamente, isso, costuma valer apenas para o uso de maconha, tabaco ou consumo de álcool, como já exposto aqui. De acordo com Pinsky (2014, p.70):

No caso do álcool ou tabaco, a postura é mais tolerante quando o consumo é em domínios e de pouca ou nenhuma preocupação quando o uso ocorre em eventos externos. Observa-se também – sempre no caso do álcool e tabaco – que existem escolas que consideram o ocorrido um problema disciplinar apenas e suspendem o aluno (PINSKY, 2014, p.70).

Observa-se também no caso do álcool e tabaco que tem escolas que consideram a ocorrências do seu uso um problema apenas indisciplinar e suspendem o aluno. Todas essas atitudes são bem comuns, por parte das escolas e indicam que elas nem sempre estão preparadas para desenvolverem estratégias de prevenção, não estando, portanto, preparadas também para o acolhimento das famílias, e nem dos alunos que enfrentam problemas do tipo.

Em escolas públicas, Pinsky constata que “as atitudes frente ao uso podem ser prejudicadas tanto pela falta de autonomia quanto por falta de políticas claras e adequadas” (PINSKY, 2014, p.71). Nesse caso devem ser analisados os vários fatores levando a entender que ao se tratar de escolas públicas não existe tantas fiscalizações, quando o assunto é o consumo de algumas drogas, envolvendo o público jovem.

Em geral, as escolas públicas sofrem mais com a questão do uso de drogas, por parte de seus educandos. Com isso, a escola se sobrecarrega sem saber quais medidas tomarem diante da situação, o que acaba por agir na maioria das vezes de forma indevida sem, solucionar o problema.



Por fim, no que tange ao uso de maconha ou (cânabis) na escola Angerami (2003) afirma “*A cânabis está presente nos colégios com a mesma naturalidade do giz e da lousa*”. Assim, proibi-la nas escolas sem antes mesmo de uma abordagem que envolva uma discussão com os alunos sobre o assunto seria a mesma coisa que incentivá-los a usar. Na fala do autor (2003, p.104):

Não se trata de liberar a cânabis, assim como não defendemos a liberação no meio estudantil do tabaco, nem do álcool, mas sim de enfrentar a problemática envolvendo o seu consumo de forma mais verdadeira e autêntica. Punir seus usuários expulsando-os da própria escola, como ocorre nos tradicionais colégios paulistanos, é uma medida traumática que nada que nada contribui para os avanços de discursos sobre drogas nem sobre uma intervenção libertaria que pudesse ajudar situações hilárias desses diretores colegiais expulsando usuários de cânabis é de seus redutos estudantis ao mesmo tempo em que empunham um cigarro de tabaco (ANGERAMI,2003, p.104).

Falta um debate em torno do imenso efeito que o uso da maconha tem causado no meio jovem, sobretudo no que tange à própria influência de grupos de amigos. No Brasil, a questão em torno da liberação do uso da maconha tem gerado grandes debates, principalmente envolvendo a saúde pública.

Ao se referir ao uso da maconha a caminho da escola ou dentro dela, Tiba (2007, p 154), usando a expressão “chapados”, informa que é desta maneira que alguns usuários tendem a entrar no ambiente da escola para estar apenas “de corpo presente” na aula. Para muitos é impossível prestar atenção nas “aulas chatas”, como eles mesmos preferem chamar, mesmo se estivessem livres de qualquer efeito.

No entanto, isso ocorre em grande parte antes de sair de casa, a caminho da escola, na rua, numa pracinha perto da própria escola ou ruela. Esses locais são quase sempre os escolhidos pelos alunos que muitas vezes fogem das aulas durante os intervalos para darem um “rolê” – A expressão “dar um rolê” na gíria dos usuários significa dar uma tragada.

Considerando essa realidade os educadores buscam proporcionar meios sempre mais eficazes como forma a prevenção do problema, mas também em uma possível detecção precoce e antecipada antes que percam mais ainda o controle da situação, ou seja, conforme afirma Tiba (2007, p.189):

Quando o assunto são drogas, antes de começar a se desorganizar e a cair seu rendimento escolar, o aluno modifica seu comportamento. E a escola logo sente essa mudança. Os pais nem sempre estão atentos a essa possibilidade, pois, como observadores envolvidos, ficam anestesiados para pequenas mudanças do dia-a-dia. Assim, uma vez notada qualquer alteração, é dever da escola informar aos pais o quanto antes, porque a droga é uma pandemia que não respeita famílias, escolas nem a sociedade (TIBA, 2007, p. 189).

Em face disso, a escola tem o imenso papel na formação dos alunos e dos indivíduos como o todo tornando a educação que auxilie a educação familiar tornando -se uma ponte com o objetivo de preparar os indivíduos para viverem em sociedade. Tiba insiste ao afirmar que a escola “não existe só para transmitir conteúdos, mas também para formar cidadãos” (2007, p189).

É preciso ressaltar que o uso de drogas tem se intensificado muito nos últimos tempos e o ambiente escolar vem se tornando um lugar propício para o uso.

#### **04- USO DE DROGAS ENTRE CRIANÇAS E ADOLESCENTES**

Antes de iniciarmos esse tópico, é necessário conceituarmos o termo criança e adolescente partindo dos princípios que constam no Estatuto da Criança e Adolescente (ECA)<sup>2</sup>. A lei nº 8.069/199, dispõe o seguinte:

**Art.1º.** sobre a proteção integral à criança e ao adolescente.  
**Art. 2º** considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade. Parágrafo único. Nos casos expressos em lei, aplica-se excepcionalmente este Estatuto às pessoas entre dezoito e vinte e um anos de idade.

Logo, no entendimento da ECA em seu art. 3º a criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e conscientes de seus direitos e deveres, como pessoa.

---

<sup>2</sup> [https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/534718/eca\\_1ed.pdf](https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/534718/eca_1ed.pdf). Acesso em: 06 de maio de 2020.

Parágrafo único. Os direitos enunciados nesta Lei aplicam-se a todas as crianças e adolescentes, sem discriminação de nascimento, situação familiar, idade, sexo, raça, etnia ou cor, religião ou crença, deficiência, condição pessoal de desenvolvimento e aprendizagem, condição econômica, ambiente social, região e local de moradia ou outra condição que diferencie as pessoas, as famílias ou a comunidade em que vivem.

Ainda de acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) em seu art. 4º é dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do Poder Público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária. O ECA, em seus artigos, 5º e 6º também abordam sobre os direitos da criança e do adolescente. Sendo assim, expõem o seguinte:

**Art. 5º** Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais. **Art. 6º** Na interpretação desta Lei levar-se-ão em conta os fins sociais a que ela se dirige, as exigências do bem comum, os direitos e deveres individuais e coletivos, e a condição peculiar da criança e do adolescente como pessoas em desenvolvimento.

Com base no exposto acima a respeito dos direitos das crianças e adolescentes entende-se que é dever de todos o envolvimento para os devidos cuidados de ambos. Entende-se ainda que os responsáveis devem guiá-los nos caminhos mais viáveis para o seu desenvolvimento saudável cuidando de sua saúde e de sua integridade.

Aquino (2016) concorda com este entendimento do ECA colocando o seguinte posicionamento acerca dos cuidados com as crianças e os adolescentes. No dizer do auto,

a família, e entendida como o primeiro contexto de socialização, exerce, indubitavelmente, grande influência sobre a criança e o adolescente. A atitude dos pais e suas práticas de criação e educação são aspectos que interferem no desenvolvimento individual e, conseqüentemente, influenciam o comportamento da criança na escola (AQUINO, 2016, p.97).

Coerente com esta perspectiva uma das fontes utilizadas na pesquisa intitulada, “Drogas Cartilha para pais de crianças (2007)<sup>3</sup> traz a ideia de que criança precisa de limite e regras claras, mas também precisa de pequenas oportunidades nas quais possa aprender a tomar decisões” (CARTILHA PARA PAIS DE CRIANÇAS. 2007, p. 23).

Os pais têm grandes influências na vida de seus filhos, pois querem sempre o melhor para sua vida. Mais isso, não significa deixarem fazer o que bem lhes melhor convir. Sendo os pais os responsáveis por seus ensinamentos, é preciso que os preparem para serem independentes.

Em relação à puberdade, Tiba (2007) lembra que essa fase marca um período de grande transformação corporal. “Os púberes despem-se da infância e procuram proteção pela autoafirmação. Como estão se abrindo para o mundo e ativos na busca de informações, é importante que as escolas realizem trabalhos de esclarecimentos sobre drogas” (TIBA, 2007, p.254).

Por se tratar de um período de grandes mudanças na vida dos adolescentes, acabam por não conseguirem controlar seus impulsos, e costumam ser muito impulsivos, questionam acerca de tudo e também tendem a terem crises existenciais, do tipo, porque existem.

Nesta mesma linha de análise, Robaina (2010, p.17) apud Cerqueira (1984, p. 24) afirma:

O período de crescimento humano situado entre início da puberdade e o estabelecimento da maturidade adulta é designado como “adolescência”. A adolescência é portanto, definida como “um período de desorganização temporária, em que o distanciamento dos pais, as rebeldias, os comportamentos estranhos são meios que o adolescente emprega para evoluir a um padrão de relacionamento mais adulto”.

Aqui então soa um alerta, pois na maioria das vezes na procura dessa identidade própria pode ocorrer que os adolescentes iniciem o consumo de algum tipo de drogas, seja por simples curiosidade, por desafio imposto por alguns

---

3

<https://www.angra.rj.gov.br/downloads/SAS/juventude/Drogas%20Cartilha%20Para%20Pais%20de%20Crianças.pdf>. Acesso em: 07 de maio de 2020.

colegas ou grupos de amigos ou ainda como ocorre em alguns casos para a tentativa de fugir da realidade em que vivem.

Também um dos fatores que contribuem para o acesso a diversos tipos de drogas é a comunidade onde o indivíduo está inserido. Em geral, é grande a incidência nos bairros mais pobres. Não significa dizer que não existam em outro lugar, pois as drogas se encontram na atualidade em quase todos os ambientes que são frequentados por adolescentes, como escolas, bares, clubes e boates.

Com isso, de acordo com pesquisas realizadas por Robaina (2010, p. 15):

Na maioria dos casos, a idade média para o início do uso de drogas é a infância (em torno de 10 a 12 anos). Jovens faltam às aulas para ficar na rua usando drogas e cometendo os mais diversos delitos, às vezes, devido aos maus-tratos dos pais”.

Nota-se, portanto que cada vez mais cedo crianças e pré-adolescentes adentram no mundo das drogas, seja por fatores sociais, grupais ou por outras questões que se encontram inclusive no meio da própria família.

## **05- FATORES DE RISCO E PROTEÇÃO NA ESCOLA**

Várias pesquisas têm nos mostrado quais são as relações envolvendo os fatores de risco e proteção ao uso de drogas, como o abuso de álcool, tabaco e outras drogas de uso lícitos e ilícitos tendo como principais personagens crianças, adolescentes e jovens e adultos. Esses fatores de risco e proteção estão relacionados em primeira mão, ao seio familiar. Logo em seguida, a escola é considerada como ambiente onde o consumo de drogas envolvendo os adolescentes tem se intensificado de forma tenebrosa, de difícil controle.

Em relação a fatores de risco e fatores de proteção as autoras Diehl e Figlie (2014) trazem o seguinte posicionamento acerca do assunto.

Fatores de risco são aquelas situações ou eventos que afetam negativamente o indivíduo, colocando-o em uma situação de maior vulnerabilidade à experimentação e ao uso de drogas. Por sua vez, fatores relacionados com a redução do potencial de abuso e que aumentam a resistência à experimentação são chamados de fatores de proteção (DIEHL; FIGLIE, 2014, p. 41).

Algumas pesquisas têm mostrado que maior risco para experimentação e abuso de substâncias psicoativas ocorre em períodos chamados de transição da vida das crianças. Essas transições incluem mudanças significativas no desenvolvimento físico (como a puberdade), ou em situações sociais (como mudança de cidade, de escola, ou separação e divórcio dos pais) quando as crianças experimentam uma alta vulnerabilidade para problemas comportamentais.

Conforme Diehl e Figlie (2014) períodos de transição são de riscos para o uso de drogas. As autoras nos lembram, por exemplo:

A primeira grande transição da criança é quando ela deixa o ambiente da família e entra na escola. Mais tarde, ocorre outra transição, quando avança da escola (fundamental para o ensino médio), ao experimentar novas situações acadêmicas e sociais, como ter de conviver com um grande grupo de colegas e ter altas expectativas de atuação escolar. Em geral, é no início da adolescência (período variável que pode compreender dos 10 aos 20 anos), por volta dos 12 anos que os jovens estão mais propensos a encontrar a droga pela primeira vez (DIEHL; FIGLIE, p.41).

Diminuir os fatores de riscos e intensificar os fatores de proteção não é uma tarefa fácil, de simples solução, pois, modificar a cultura que ameaça a saúde dos jovens e de seus familiares envolve uma reponsabilidade que deve ser trabalhada em conjunto com parcerias entre as autoridades governamentais, as famílias, as instituições de ensino e a comunidade como um todo.

Conforme exposto anteriormente, a respeito de fatores de risco e de proteção, segundo Pinsky e Bessa (2009, p.107), em um estudo feito pelo (Instituto Nacional de Combate às Drogas – NIDA, no ano de 1974, nos Estados Unidos foi exposto o tamanho da gravidade que o problema das drogas está alcançando (PINSKY; BESSA, 2009, p. 107). A pesquisa acima mencionada revela os principais fatores de risco e de proteção, conforme se vê alguns exemplos no quadro a seguir:

**Quadro 1:** Principais fatores de risco / Principais fatores de proteção.

PRINCIPAIS FATORES DE RISCO	PRINCIPAIS FATORES DE PROTEÇÃO
<p><b><i>Pessoais – primeira infância</i></b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>Histórico familiar de consumo de drogas ou doenças mentais; Graves conflitos familiares; Predisposição fisiológica</li> </ul>	<p><b><i>Pessoais – primeira infância</i></b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>Relação calorosa com a mãe; Bom gerenciamento familiar; Boa estabilidade emocional.</li> </ul>

(genética ou biológica); Rejeição pelos colegas.	
<p><b>Pessoais – segunda infância / adolescência</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Manifestações precoces de comportamentos antissociais e agressivo; Insucesso na escola; Associação com colegas usuários de drogas; Uso precoce de drogas.</li> </ul>	<p><b>Pessoais segunda infância/adolescência</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Boas relações com os colegas; Monitoramento parental; Envolvimento parental de qualidade com as atividades da criança; Fortes vínculos com colegas.</li> </ul>
<p><b>Ambientais</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Privação econômica; social; Díficeis transições (de vida).</li> </ul>	<p><b>Ambientais</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Limitações nas possibilidades de acesso ao álcool, cigarro e drogas</li> </ul>

**Fonte:** PINSKY, Ilana; BESSA, Marco Antônio. **Adolescência e drogas.** 2009, p. 107.

De acordo com esse mesmo relatório, também é possível os programas de prevenção que desenvolva eficácia na redução de riscos para muitos desses problemas que envolve a questão da saúde.

Por fim, a escola em nosso mundo é vista como promotora da saúde e do bem estar de seus educandos. E quando o assunto é a invasão de drogas nesse ambiente, cabe aos educadores o papel da proteção em relação ao risco de drogas entre seus alunos. Assim sendo, é preciso que haja regras claras e monitoramento em prol de evitar o consumo de substâncias por parte dos seus alunos. É também necessário que exista um bom relacionamento professor/alunos, valorizando-os em as suas potencialidades como estudantes.

## 06- MEDIDAS PREVENTIVAS DE DROGAS NO AMBIENTE ESCOLAR

A prevenção ao uso de drogas deve ter início quando ainda criança por meio da própria família. Mas, no geral não é bem assim que ocorre pois é por esse mesmo meio que a criança costuma ter o seu primeiro contato com uso de drogas, seja através de alguns medicamentos como xaropes para tosse, remédios para dores de dentes ou um gole inocente de cerveja em meio aos adultos. É preciso lembrar que,

pais e educadores só podem desestimular o abuso de drogas através do exemplo, da alegria de viver e usufruindo as boas coisas da vida, mostrando também que possível

resistir a um certo desconforto, a pequenas dores ou distúrbios emocionais sem usar a droga (VIZZOLTO, 1987, p. 17; apud MURAD, 1985).

As ações da família e da escola para com a criança em termos de afetividades, as atitudes e seus comportamentos podem influenciar significativamente suas escolhas quando jovens, em relação ao uso de drogas. É por essa razão que a prevenção deve começar cedo, pois a escola é a instituição com maiores condições de executar programas de prevenção já que detém uma grande clientela que está exposta aos maiores riscos, sendo, as crianças, os adolescentes e os jovens.

A priori, Vizzolto (1987) coloca que são três as metas da proposta de prevenção

“mudança na prática educativa na escola. de uma escola autocrática para uma escola democrática. ação com os pais, envolvendo a família dos alunos e os demais segmentos da comunidade, onde a escola está inserida. informação científica, sequencial e sistemática, como assunto das disciplinas do currículo escolar” (1987, p. 59).

A prevenção de que trata aqui, segundo Vizzolto (1987, p. 59) não consiste apenas em informação, mas em ações concretas objetivando atuar na causa do problema tendo por fim evitar o uso de drogas. Para isso a escola poderá desenvolver ações conjuntas que sensibilizem e informem as pessoas dos prejuízos do uso de drogas para si e para os que estão à sua volta. Neste caso, a proposta de intervenção não deve ser só informação, mas também deve incluir assuntos que envolvam uma abordagem no sentido amplo, como a valorização da saúde e da vida como um todo.

Para que ocorra de fato um bom programa de prevenção, a escola deverá engajar a todos, desenvolver com alunos práticas educativas que levem informações com base na ciência e no que a cultura produziu ao longo do tempo sobre como preservar a vida evitando prejuízos a longo prazo.

Neste mesmo sentido, no que diz respeito a princípios para programas escolares Diehl e Figlie (2014, p.26) colocam o seguinte:

Programas de prevenção podem ser desenhados para intervir o mais cedo possível, como, por exemplo, na pré-escola, ao abordar fatores de risco como comportamento



agressivo, habilidades sociais empobrecidas e dificuldades escolares (DIEHL; FIGLIE, 2014, p. 26).

As conclusões das autoras neste sentido é que os programas de prevenção para crianças do ensino fundamental devem ser direcionados à melhora da aprendizagem pedagógica e aspectos sociais e emocionais para lidar com fatores de risco para o abuso de substâncias como agressões precoces e insucesso e abandono escolares. A educação deve centrar-se nas seguintes habilidades: autocontrole, consciência emocional, comunicação, soluções de problemas sociais e reforço escolar, especialmente na leitura

A escola tem o dever de trabalhar na prevenção de seus educandos. Sendo assim, o educador pode contribuir para prevenir o abuso de drogas entre os adolescentes da seguinte forma: incentivando a reflexão, através de adoção de medidas na própria escola onde trabalha e atuando diretamente com seus alunos, na sala de aula, ou além dela. Cabe à escola trabalhar com seus alunos de maneira clara promovendo discussões internas para definir regras e o papel dos diferentes agentes da comunidade escolar para tratar a questão do consumo de drogas entre seus alunos. Para Carvalho, "a prevenção é o melhor caminho e a educação é a melhor ferramenta" (2002, p.108).

Prevenção na escola significa estar atento a seus educandos devendo valorizar os mesmos como seres humanos que são. Com isso, cabe à escola abrir um canal de comunicação para que possam ouvir os alunos e, também que eles os ouçam.

Para Santos (1997, p.86) apud. Tiba (1994, p.59):

Seria ideal que a escola acrescentasse em seu currículo programas que também preparassem seus alunos para enfrentar não só a drogas, mas a vida como um todo. No entanto, muitos professores nem conhecem a realidade científica e psicológica das drogas, seus efeitos e suas consequências. É frequente não saberem nem identificar um usuário de drogas e, se identificam, não sabem o que fazer com tal descoberta. Por isso, as diretorias das escolas preferem negar as drogas em seus estabelecimentos. Mas já não é possível "tapar o sol com a peneira". As drogas existem, e imaginar que apenas os "outros" as usam só facilita sua propagação.

Os autores acima citados atribuem à escola toda a sua responsabilidade colocando que é preciso os educadores se prepararem para a convivência diária e

cabendo a esses profissionais a prevenção primária que valorizem a vida evitando repressões com seus alunados. O foco é tratar do assunto sem muitas delongas e adotar atitudes de compreensão do fenômeno e estar atento para detectar quando seu aluno inicia o uso de droga já que a maioria das famílias preferem ignorar o fato de que seu filho faz uso de alguma droga.

No entanto, (SANTOS,1997, p.87) apud (TIBA,1994, p.59) já citados concluem com uma postura com a qual concordamos.

Não compete à escola o tratamento contra drogas, mas sim o encaminhamento adequado do caso. Se a escola não tomar nenhuma atitude, todos perdem: a família, a escola, o aluno e a sociedade. Vencer a droga, que assim ultrapassa a terceira barreira, aquela que poderia conter a destruição da pessoa pelo vício. A segunda foi a família, e a primeira, o usuário. Por isso, a escola tem de ser clara e honestamente firme (SANTOS,1997, p.87; apud TIBA,1994, p.59).

O grande desafio da escola está na sua forma de atuar, pois quando o assunto é o uso de drogas por parte de seus alunos, tendem a agir de forma conjuntas em busca de solucionar o problema.

Nas pesquisas realizadas por Santos (1997, p.87) a autora conclui que ao falar de prevenção de drogas nas escolas está se tratando de uma decisão política e, por isso, envolvem ações conjuntas. Prevenir drogas é, antes de mais nada, falar da educação de filhos, de adolescentes e da relação social e também da convivência afetiva.

Não tem como ignorar a presença das drogas, sobretudo no meio jovem em idades escolares, pois elas existem e vem destruindo várias vidas ao longo de sua existência. Para que haja um projeto de prevenção neste ambiente é preciso promover campanhas de informações eficazes por parte de seus educadores, sendo também necessária a participação da comunidade em geral.

Para Charbonneau (1988) “No entanto, se quisermos que os jovens possam colocar-se diante das drogas, é preciso que lhes expliquemos, sem dúvida objetivamente, mas claramente, do que se trata” (1988, p. 28-29).

É preciso passar o maior número possível de informação em relação envolvendo o uso e abuso de drogas para os jovens. O fornecimento de tais informações tem, por objetivo, a prevenção.

Nas conclusões de Cury (2017) sobre esse assunto destaca-se que atualmente, as crianças, os adolescentes e jovens adultos necessitam de muitos incentivos para se sentirem felizes. Assim sendo, Cury (2017, p. 26) pontua:

Na era da insatisfação, traficantes não vendem drogas, oferecem drogas para personalidades insatisfeitas. Uma emoção dramaticamente vazia e angustiada é um comprador em potencial. Não é preciso resolver a equação das drogas apenas usando armas (repressão) ou simplesmente liberando-as.

Neste sentido, faz-se necessária uma ação pedagógica voltada para a educação e a emoção dos filhos e alunos com o objetivo de seu desenvolvimento pleno, independente, resiliente e líder de suas escolhas. Sem isso trataremos apenas dos sintomas e não de um dos grandes problemas que envolve a humanidade.

Assim, como em Ribeiro (2013) “os controles de substâncias psicoativas é uma questão de saúde pública visando minimizar a política de redução de danos envolvendo um conjunto de estratégias de amenizar os danos causados pelo uso e abuso de diferentes tipos de drogas” (Ribeiro, 2013, p. 45; 69).

Quando se propõe um modelo de intervenção, é necessário entender quais objetivos se almejam alcançar, e para qual público alvo deve ser destinado, visando ao final o melhor resultado possível em termos de intervenção.

## **07- CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O objetivo desse artigo foi de trabalhar a questão envolvendo o uso de drogas, sobretudo no ambiente escolar visando ressaltar a importância do envolvimento de todos os educadores no sentido de conscientizar os educandos, de que uma vida saudável, é uma vida livre de drogas.

Ao desenvolver a pesquisa foi possível observar o quanto é importante ter uma boa base teórica em relação ao assunto, pois entende-se que o uso indevido de drogas também tem relação com as drogas legais como o consumo de álcool, o fumo, além do uso de medicamentos como antidepressivos.

Entendemos ser necessário compreender sobre assunto para poder abordá-lo adequadamente em sala de aula. Há, ainda que se levar em conta que o uso de

drogas sempre existiu na história da humanidade, mas atualmente esse consumo tem-se intensificado, sobretudo no meio jovem, o que soa como um alerta para os educadores, que em sua maioria não sabem como lidar com o assunto, muito menos com alunos que fazem o uso dentro da própria escola ou nas suas imediações.

Sendo assim, consideramos que o estudo que aqui foi apresentado apresenta contribuições para o meio acadêmico, pois destaca a necessidade de os educadores repensarem suas práticas educativas e incluir nessas práticas a abordagem sobre o tema das drogas. Para tanto, é necessário que essa questão seja colocada em pauta no processo de formação de professores.

É fundamental ainda, a criação de projetos de prevenção, nos quais os alunos sejam motivados a participar, efetivamente, com o apoio de todos os envolvidos no processo educativo.

Nesse sentido, cabe salientar que os diversos autores que fundamentaram nossa análise ao longo dessa pesquisa sinalizam para a relevância de as escolas elaborarem e trabalharem projetos de prevenção e proteção, por meio de didáticas que envolvam as crianças, os adolescentes e os jovens assinalando que tais projetos devem ter como foco evitar a entrada da droga na vida desses alunos.

## 8 REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam; CASTRO, Mary, Garcia. **Drogas nas escolas**. Brasília: Unesco, Rede Pitágoras, 2005.

AMAURI M; SANCHEZ Tonucci. **Drogas e Drogados: o indivíduo, a família, a sociedade**. ed. São Paulo: EPU,1982.

ANGERAMI, Valdemar Augusto. **A psicoterapia diante da drogadicção: a vida nos drogados**. São Paulo: Cengage Learning, 2003.

AQUINO, Julio Groppa. **Drogas na Escola: alternativas teóricas e práticas**. 3ª..ed. São Paulo: Summus, 1998.

\_\_\_\_\_. **Álcool e drogas na adolescência: um guia para pais e professores**. São Paulo: Contexto, 2014.

\_\_\_\_\_. **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. 18ª. ed. São Paulo: Summus, 2016.

BIRNER, Ernesto; UZUNIAN, Armênio. **Drogas você faz seu caminho.** ed. São Paulo: Harbra Ltda, 2000.

CARVALHO, Salo de. **A política criminal de drogas no Brasil:** estudo criminológico e dogmático da lei 11.343/06. 8ª. ed. rev. e atual. São Paulo: Saraiva, 2016.

CHARBONNEAU, Pau Eugéne. **Drogas:** prevenção, escola. São Paulo: Paulinas, 1988.

CURY, Augusto. **20 regras de ouro para educar filhos e alunos:** como formar mentes brilhantes na era da ansiedade. São Paulo: Planeta, 2017.

DIEHL, Alessandra; FIGLIE, Neliana Buzi. **Prevenção ao uso de Álcool e Drogas:** o que cada um de nós podem e deve fazer? Porto Alegre: Artmed, 2014.

DISCENTE, Vanessa Ferraz nº3844. **A droga vai à escola?** Disponível em: <http://www.cpihts.com/PDF%2006/Vanessa%20Ferraz.pdf>>. Acesso em: 25 abril. 2020.

DROGAS: **Cartilha para Pais de Crianças.** 2ª. ed. Brasília: 2010. Disponível em:<<https://www.angra.rj.gov.br/downloads/SAS/juventude/Drogas%20Cartilha%20Para%20Pais%20de%20Crianças.pdf>>. Acesso em: 07 maio.2020.

ECA - **Estatuto da Criança e do Adolescente.** Edição atualizada até outubro de 2017. Disponível em: <<https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/Handel/id/534718/eca1ed.pdf>>. Acesso em: 06 maio. 2020.

PINSKY, Ilana; BESSA, Marco Antonio. **Adolescência e drogas.** 2ª. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

RIBEIRO, Maurides Melo de. **Drogas e redução de danos:** os direitos das pessoas que usam drogas. São Paulo: Saraiva, 2013.

ROBAINA, José Vicente Lima. **Drogas:** o papel do educador na prevenção ao uso. Porto Alegre: Mediação,2010.

SANTOS, Rosa Maria Silvestre. **Prevenção de drogas na escola:** uma abordagem psicodramática. 4ª. ed. São Paulo: Papirus,1997.

TIBA, Içami. **Juventude e drogas: anjos caídos.** São Paulo: Integrare. Editora, 2007.

VIZZOLTO, Sales Maria. **A droga a escola e a prevenção.** Petrópolis Rio de Janeiro: Editora Vozes Ltda, 1987.